

Primeiro RELATO

CELSE CAVICCHIA

Com certeza era sábado. Porque ele acendeu a luz do corredor comprido e deu-me a chave para que eu abrisse a porta. Para que eu descobrisse qual das portas abria sua casa. E eram seis. Mas não foi preciso chegar à sexta: a primeira porta já coube na chave. Empurrei-a.

Fechou-a.

— Aqui vivo.

Acendeu as luzes. As luzes — porque eram várias. Cada uma iluminava olhando para uma parede. Alguns facho até se encontravam no espaço, atravessando-se.

— É claro aqui... — fiz, inteiro.

— Mas a casa tem trevas ainda — expandiu-se.

Respirou sobre mim, e eu levei as mãos à sua órbita. Seus olhos saíram de minha boca e entraram nos meus dedos. Meus dedos conversavam sobre idéias primitivas.

Chamei-o para dentro de mim. Antes, olhamo-nos. Nossas visões interromperam o resto de nossos corpos — e ficamos apenas olhos. É que havia muitos olhos!

— Quantos somos?

No mínimo, dois. Um, no máximo. E olhávamos. Tanto nos vimos, que fomos mais que homens. Fomos mais do que a sedução abarcaria. Corpos sofisticadamente cegos. Razão inviolavelmente antepassada. E aquilo tirou-nos, um do outro, mais do que a paixão pudesse consumir. Fundíamo-nos. E nem era amor, todavia!

Ali, em pé, no meio das luzes, amparamo-nos um nos lábios do outro. Os olhos abertos, surgiu-me uma lágrima. Ele a assimilou. Fechei então o olhar, e ele sagrou-me as pálpebras com seu hálito de meu beijo. (Não sei se de meu beijo ou de meu sal.) Talvez fosse já mais de meia-noite. Talvez já fosse domingo.

Talvez fosse tempo de ir. Prometemo-nos um outro final de semana. Outro sábado.

— Sábado oprime — compareci.

Ou mais um domingo.

— Domingo é vazio — ele repousou.

Porém, fora num domingo, naquele um, que nos houveramos. Não aconteceram mistérios, nem se fundou religião — mas nós nos demarcamos.

O tempo continuou até a nova meia-noite. E à meia-noite descobri, úmido e sólido:

— Já é amanhã. Segunda-feira.

— Não vá.

— Mas recomeça a semana. Tanta coisa que fazer... Preciso dormir esta noite.

— Que importa? — clareou ele.

Seus olhos tinham cores e sombras, formas e palavras. Palavras, sobretudo palavras!

— Não importa — principiei. — Você já me criou.